

O FUTURO DE DINOSSAURO: OU A HIPER-REALIZAÇÃO DA HISTÓRIA¹

I

O destino do homem, como um autêntico blues-man, encontra-se numa encruzilhada de caminhos. A dúvida sobre o que acontecerá na virada do milênio é o otimismo que se pode ter. 1989 vai ficar na história como o ano que concluiu com uma virtual euforia diante de um futuro, que no fundo, provoca pânico. Os perigos que ameaçam a continuidade da espécie humana - sob condições mínimas de dignidade - são de tamanha magnitude que não existe margem para se ensaiar qualquer hino entusiasta.

Começou a contagem regressiva de um mundo que insinua transformar-se, ignorando se a emancipação será o seu objetivo final. As opacidades destrutivas da guerra fria estão transformando-se numa guerra contra povos que agonizam como partes de um circuito de entretenimento. A sede de liberdade que parecia vir dos países da Europa oriental mostra como as lutas pela democracia podem ganhar, no seu ingresso ao capitalismo real de livre mercado (CRLM), um destino de trivialidades. Os que fazem fila numa praça de Moscou esperando ingressar nos sabores do Mac Donalds, não estão

¹ LUÍS ALBERTO WARAT
Prof. Dr. do CPGD/UFSC

pensando em compartilhar o deses-pero dos marginalizados pelo “ american way of life “. Um com-pulsivo desejo de consumo lhes im-pede de saber que junto aos ham-burguers virá o fascismo de mercado. O Mac Donalds não anuncia o ilusório do sonho americano e a ortopedia alucinatória que prepara, entre alardes tecnológicos e científicos, o fascínio pela decadência das identidades, dos valores e do espaço político.

A vulnerabilidade do comunismo real, a atração providencialde um patriotismo do bem-estar edo consumo, revelou-se maissensível numa Alemanha que nunca deixou de sonhar com a suareunificação. A esmagadora vitória dos conservadores nas primeiras eleições depois do pós-comunismo - contrariando a realidade política do que foi a RDA - ilustra o peso da sedução ilusória da prosperidade do mercado. O eleitorado do leste alemão, impaciente por bens de consumo, votou pela anexação, apoiando um chanceler medíocre e destituído de carisma, confundindo os marcos esperados com a decomposição do totalitarismo. Magnetizados pelas promessas de “riquezas já“, identificaram a democracia com o Deutsch Mark. Assim, nesta precoce primavera européia, símbolo da vida que tem pressa de se libertar dos pesadelos inverniais, os alemães do leste parecem ter uma grande ansiedade para comprar o “ Berliner Luft “ (ar de Berlim), que já é, curiosamente, vendido em atraentes caixinhas de souvenir.

Esta é também, a democracia prometida pelo “ Partido Popular Democrata Cristão “ da Hungria, que conseguiu, nas primeiras eleições desta década, ir além das suas próprias expectativas, celebrando missas e mobilizando senhoras idosas.

Creio ver nestes dois exemplos, o primeiro ato emocional de homens cansados em suas angustias, que irradiam sua alegria desmedida porque tomaram a decisão de mudar, apostando numa ilusão da diferença. Sôfregos de bem estar, fazem suas escolhas nas ruínas de uma estrutura opressiva, ignorando as dificuldades que terão de enfrentar para inscrever-se na história no CRLM. Dos escombros totalitários não nascem as utopias democráticas. Talvez uma simulação de prosperidade: a compulsão por ingressar numa realidade que seu imaginário não poderá suportar.

II

Vou permitir-me, de início, pontualizar alguns aspectos da desordem afetiva, econômica e política que inaugura a infâmia discriminatória da nona década deste século, o meu parecer contra a desestruturação tecno-capitalista do homem e seus vínculos.

Parto de uma profecia negativa sobre a existência futura do homem enquanto significação e efetividade. Confesso-me temeroso diante de um mundo de emoções sumárias, fantasias imediatas e escassas respostas éticas. É a minha angústia por um espetáculo civilizatório cada dia mais afetivamente evasivo - empenhado na minuciosa mutilação dos sentimentos e pensamentos. Uma cultura em estado de alienação violenta, fascinada pelos simulacros, as banalidades sentimentais e o consumo do tempo sem pontos de referência.

O medo de uma transmodernidade que nos invadem com uma multiplicidade incontrolada de signos que prenunciam a materialização da catástrofe do nosso sistema de existência, transformada num espetáculo que poderá capturar a audiência planetária.

As paródias revolucionárias de 1989, não podem fazer-nos esquecer o drama da hiper-realização da modernidade, que se perfila como uma cultura da discriminação absoluta pela subjetivação da espécie. Uma “ euforia de mercado “ que estremece o mundo, mostrando a esteira antecipada da solução final do capitalismo: o homem dos vínculos desgarrados, magnetizado pelo vazio significativo de corpos transformados em desculpa.

O muro que sustentava a guerra fria, descortinou, com sua derrubada festiva as falsas aparências de um “ socialismo real “que não conseguiu - traídos seus sonhos éticos - ser mais que uma forma tortuosa de acesso ao capitalismo. Um socialismo real que termina aspirando ao mercado para acompanhar o percurso de um consumo que se expande na sua inutilidade. A sedução dos objetos e as frivolidades que se interiorizam ameaçando com a desintegração das identidades, o fim do social e a decomposição do político.

O entusiasmo pelas promessas ilusórias do capitalismo real de livre mercado (CRLM), impede detectar o que o muro levou: a utopia de um socialismo compro-

metido com a construção das identidades, solidário e disposto a fazer da consciência de classe, um sentimento pelo outro.

A utopia inaugural do socialismo nunca foi expressão de uma modesta economia mal distribuída. Na fantasia dos seus começos, não estava incluído o desenlace de uma administração torpe e autoritária. Inicialmente, o socialismo era uma ilusão empenhada na transformação do mundo e o reencontro do homem com seu ideal de autonomia. A esperança que nunca se concretizou e que precisa ser recuperada.

III

Os corifeus que fazem da ética da democracia, um holograma magnético, estão provisoriamente em festa, comemorando o fim da história pelo surpreendente final do socialismo real. Eles tentam expandir o consenso banal em torno a um CRLM apresentado como a culminação exitosa da história. Como um pavão no cio que ouve os seus próprios gritos de guerra sem aperceber-se do caçador que se aproxima; proliferam, assim, as vozes que exaltam um capitalismo eticamente esgotado e sem possibilidades de diminuir o destino “ biafrano “ de dois terços do mundo. Vozes fixadas numa esperança impossível, que escondem - num discurso triunfalista - a perigosa caminhada para a verdadeira conclusão da história. O final que antecipa Canetti, prevendo a possibilidade para a totalidade do gênero humano de deixar a realidade.

O fim da história, é certo, pode estar chegando. - Isto, graças aos esforços de uma esperança liberal, que promete o reino de Deus nas mercadorias, negando a circulação dos afetos.-

Se fosse caracterizar as possibilidades do fim da história, diria que ela depende de uma trama de desgarramentos afetivos que podem levar ao fim do homem por uma circulação indiferente de signos que negam aos corpos a capacidade de sonhar e significar. Seria, sumariamente dito, a afetividade do espetáculo ocupando o lugar da reflexão e dos referentes identificatórios; a violência dos signos que circulam, transparentes, no CRLM e que podem provocar o termo da história como sentido do desejo.

Para captar as razões que me induzem a falar do fim da

história como realização virtual dos desejos, valores e vínculos, é preciso levar em conta que a catástrofe que ameaça a espécie humana não é da ordem do esgotamento, mas da aceleração; o embalo que produz uma desregulação mortal. É o que Baudrillard chama de fase viral e epidêmica de nossa cultura: um desencadeamento irradiado de efeitos desvinculados das suas causas (que também sofrem processos de alteração independentemente dos seus efeitos). Assim, o sistema inteiro de transformação do mundo entra em superfusão, torna-se um processo vertiginoso que se alimenta de si mesmo. Uma autonomização desvairada de todos os domínios (da política, da sexualidade, da ética, da estética, da economia etc.) onde já não há nenhuma possibilidade de referência. A rigor, não existe mais lei do valor para cada um dos domínios. Os signos de cada um deles, brilham por um instante para desaparecer no vácuo. Quando as coisas, os signos, as ações são libertadas da sua idéia, do seu valor de referência, de sua origem e de sua finalidade, entram - diz Baudrillard - numa auto-reprodução ao infinito. As coisas continuam a funcionar, ao passo que a idéia delas já desapareceu há muito tempo. Continuam a funcionar numa indiferença total ao seu próprio conteúdo. Funcionam em sua própria simulação, hiper-realizadas. É o que acontece com todos os valores da modernidade que continuam operando em nossa cultura em sua própria simulação. Assim, os ideais da modernidade, implementados numa modalidade que as trans-realiza, vão perdendo toda a sua especificidade. Essa é a forma que adota o conceito de posmodernidade: o lugar das metástases das referências identificatórias da modernidade, na pura promiscuidade com elas mesmas, num processo viral de indiscriminação, a metonímia total que denuncia Baudrillard. Contaminação recíproca de todas as categorias, confundidas umas nas outras, levadas ao seu mais alto grau de generalização.

Temos assim, formas transpolíticas de exercício de política (que veriam a política em todos os incidentes da vida); formas transsexuais de realização da sexualidade (de interpretação de todos os campos através das modalidades do travestimento da sexualidade artificial e simulada); formas transestéticas (que estetizam a vida quotidiana numa circulação de banalidades e signos trivializados); e formas trans-

econômicas (que movimentam capitais virtuais autonomizados e inconvertíveis para a economia real).

Estamos na era da transrealização do mundo. O surpreendente deste sistema cultural é que ele vive de signos exagerados que encontram o seu destino na desmesura em que tentam realizá-lo.

O exagero é sempre uma simulação de destino. Um travestimento do real; o kitsch por excelência, talvez a mais forte característica negativa da pós-modernidade.

Os valores da pós-modernidade se realizam pelo exagero de sua encenação. Esse regime de travestimento que determina a procura das identidades e as diferenças, marcando uma modalidade de controle muito mais eficiente que as derivadas da ideologia e a repressão feita de proibições.

Enfim, não tenho dúvidas em sustentar que a hiperrealização do real (as formas da sua transrealização) constitui a maior ameaça para a concretização do fim da história. Ela morre pela sua hiperrealização.

A história é um dever do real. Quando o real se hiperrealiza, simula-se, entra num vácuo, onde o dever não tem lugar. É o ponto de inércia.

O fim da história, acompanhando um pouco o pensamento de Baudrillard, estaria signado pela passagem do estágio histórico a um estágio mítico; é a reconversão mítica e midiática de todos os acontecimentos.

IV

Os pregadores do fim da história batem palmas pelas benesses de uma racionalidade desprovida de ideologia. Imaginam a permanência exclusiva e residual dos conflitos raciais e ecológicos num mundo unificado pelo mercado. Cometem, sem dúvida, um tríplice pecado de omissão: Primeiro - por ocultar que a racionalidade, agora heróica, do CRLM só obtenha a supressão das ideologias tentando, em seu lugar, um conjunto de expectativas banais ou folhetinescas que permitam o acordo kitsch das esperanças difusas. Segundo - por escamotear a vinculação que existe entre os conflitos raciais e os custos da nova planificação internacional da economia, em especial, com os efeitos promocionais derivados dos

sentimentos triviais e os travestimentos do CRLM. Lembre-se que as emoções baratas sempre despertam adesões primárias de amor e ódio. Terceiro - porque disfarçam de boas intenções o fato de que a proteção capitalista, da ecologia, unicamente pode ser resolvida através do “eco-fascismo”. Vale dizer, uma ecologia repressiva (com o mesmo ar de família da lamentável doutrina da segurança nacional) que estará muito mais preocupada em facilitar a reconversão da dependência armada que no impedimento do descontrole da vida . A saída ecológica nunca pode ser violenta, demanda sempre um percurso de amor que permita a realização dos projetos identificatórios no interior de uma cultura que tente diminuir suas forças alienantes. Uma “ eco-afetividade “ que exalte a proteção dos sentimentos como condição de salvação da vida.

Devemos ficar alertas contra o perigo do eco-fascismo, dos eleitos perversos provocados pelas medidas de segurança, pelo exagero da prevenção que podem provocar o terrorismo da profilaxia ecológica. Em nome da mais alta segurança podem instalar-se as formas de transmilitarização da existência quotidiana.

O racismo não deixa de ser um acordo kitsch de impotências mal elaboradas, uma inferioridade mal resolvida ante a repartição discriminatória da riqueza, uma des-carga anal entre vítimas que não querem olhar a outra cena que os discrimina. O vínculo melodramático com um objeto constituído como inimigo para permitir levar o peso de uma evidência psicologicamente insustentável.

A imagética racista se alimenta da projeção de qualidades negativas a um “ objeto de ódio “para criar uma distância de banalidades discriminatórias que permitam fugir dos próprios fantasmas. É produzida uma “ transferência “ de sentimentos negativos onde um “ eu “, com medos, coloca o outro no lugar das suas expectativas indesejadas. Faz uma transferência delirante que lhe permite acreditar na impossibilidade de ocupar esse lugar. Ficam compensados em seus medos, pensando que nunca poderão ser discriminados por propriedades que acreditam não possuir.

Os racistas combatem um inimigo que acreditam vencer

para compensar psicologicamente o medo de uma derrota na luta que realmente os discrimina. O homem alienado sempre encontra objetos substitutivos para simular triunfos nas batalhas que não se atreve a enfrentar. Sob o signo do medo e da carência a discriminação precisa de um imaginário kitsch para fortalecer - pela incapacidade de desenvolver um sentimento solidário pelo outro - a estabilização reacionária do capitalismo.

O racismo se constitui por uma trama de emoções extremas, uma narrativa estereotipada e difusa que esconde a leitura melodramática do nosso temor ante a própria morte. Um muro de afetos que se levanta para estabelecer a perseguição folhetinesca dos próprios fantasmas.

A discriminação racista nos enfrenta com as fantasias de uma compensação alucinatória do próprio limite entre a vida e a morte, revela uma posição defensiva, rígida, ante a frustração de um investimento identificatório, a resistência em ocupar o lugar da vítima de um genocídio atentando contra toda manifestação de identidade.

Penso que não se dará um único passo no esclarecimento e na condenação do racismo e da xenofobia que volta a convulsionar o mundo, sem nos interrogarmos sobre a verdadeira alma da solução final do capitalismo: o holocausto do desejo. A obturação final do duplo inconsciente libertário que cada homem tem em seu mundo interior.

O capitalismo em sua nova fase de “barbárie informatizada“, aspira a uma decomposição do político, a destruição das formas naturais de sociabilidade e aniquilamento das identidades pela produção de um novo tipo de corpos sem sonhos, nem sentimentos pelo outro.

Quem não prestasse atenção ao imenso arsenal de dispositivos montados para dissolver as ilusões e os sentimentos pelo outro (como diferença constitutiva de nosso próprio projeto identificatório), privar-se-ia de compreender as desmedidas melodramáticas do imaginário (das reações) discriminatório. A hipótese seria a de que a discriminação expressaria a rejeição do outro como personagem da narrativa interior que constitui a identidade do sujeito.

Parece-me que o sentimento discriminatório tem que ser interpretado como expressão de um desejo de morte do outro revelador do amor e do tempo. O desejo de morte de quem porta e denuncia a possibilidade de autonomia (que depende sempre de uma ética da alteridade). Assim, poder-se-ia desenvolver um sentimento racista pelo outro quando o vemos como potencial revelador do duplo autônomo que levamos adormecido. Desejamos matar o objeto de um desejo que nos ameaça por querer despertar a pessoa do outro que pode revelar nossa fragilidade diante do desejo que não se atreve a realizar.

Os sentimentos racistas (discriminatórios) resultam do melodrama da diferença. Uma diferença que se exagera para impor na outra a necessidade de ser o duplo externo do discriminador.

Estou convicto de que a discriminação se apresenta atualmente sob o signo de uma diferença que se torna insustentável. Uma diferença que se hiper-realiza, que se vivência como artifício para constituir a figuração excludente do outro. O triunfo de tanatos na discriminação do outro enquanto figuração inacessível. O outro (e o mundo que ele porta) como impensável.

Na pós-modernidade (e suas formas de hiper-realização do capitalismo) existe a necessidade de negar o outro como destino (como reserva da nossa própria autonomia).

O outro não é perigoso por suas diferenças, mas por sua alteridade radical que ameaça as estratégias de homogeneização. As diferenças são sempre negociáveis e implicam a pressuposição de uma cultura superior (a branca e ocidental que pode funcionar como critério de determinação das diferenças).

Hoje tudo deve ser hiper-sincronizado, até a alteridade que deve ser posta em termos de diferenças compatíveis. O homem está sendo reduzido a uma fórmula virtual, um território de operações sem espaços para a produção criativa das significações. O homem virtual é entregue ao simulacro da sua própria existência. Assim, torna-se intolerável a presença de um outro que seja revelador da sua sensibilidade simulada. O homem virtual precisa da aparência de si mesmo e não da alteridade. A

violência latente no vazio dos seus simulacros em seu letargo narcísico, é o que alimenta as formas atuais do racismo que se expandem por nosso cotidiano como o vírus da alteridade.

As formas transmodernas do racismo se caracterizam por uma discriminação radical do outro. Pode-se considerar que se trata da inaceitabilidade absoluta do desejo como produtor da realidade do espaço social e da arena política. Mais que a abolição de certas diferenças estaríamos diante da abolição de todas as formas de interação; a rejeição (por insustentável) do social e do político em todas as suas manifestações. Todo o social e o político reprimidos. Em outras palavras, diria que a manifestação pós-moderna do racismo pode ser encarada como um efeito de censura da alteridade.

A mídia e os circuitos informatizados da pós-modernidade funcionam como um monstruoso mecanismo de censura de nossa consciência política. Uma enorme máquina de repressão que tenta deixar no silêncio e no esquecimento todas as formas simbólicas que possam servir para a estruturação dos vínculos individuais e sociais. O próprio da transmodernidade seria a existência de um circuito de informações sem memória e um acúmulo de homens que interagem perdidos no labirinto de um grande inconsciente político.

Vivemos num estágio generalizado de fascínio que opera como uma força censora de todos os acontecimentos sócio-políticos - não há nenhum registro consciente deles - as mortes e as misérias do mundo são reproduzidas no espaço transpolítico da mídia sob o território fantasmal dos desejos e traduzidas em emoções próximas às trivialidades efetivas do espetáculo: guerras, atos de corrupção e terror foram mediatizados por um espaço transpolítico que não deixa marcas na consciência política; uma sucessão de acontecimentos omnímodos e opacos ao mesmo tempo que a consciência política não registra, como se nunca tivessem acontecido.

Há na pós-modernidade uma discriminação radical da memória provocada pela transmutação dos sistemas de representação em sistemas de simulação e de vertigem. Um estágio de hiper-informação que ameaça todas as defesas humanas pela perda dos

referentes identificatórios e da consciência social e política.

Desta forma, os indivíduos acabaram por discriminar-se eles mesmos, provocando a desqualificação radical de seu próprio ideal do ego, auto-desqualificando seu próprio outro interior libertário, ou seja, discriminando sua própria possibilidade de desejar.

A partir do momento em que os indivíduos perdem a sua capacidade de desejar, as formas instituídas do social perdem o instituinte como seu correlato necessário, perdendo com isto a possibilidade de toda mudança institucional. A instituição entra em fase de vertigem e de violência inercial.

É interessante observar que a hiper-modernidade da violência surge como efeito mortífero da indiferença e do vazio simbólico. A violência atual se diferencia da moderna pelo fato de que se esta é produto do conflito, aquela é produto da inexistência dos espaços geradores de conflitos. É, neste sentido, o simulacro de um ato de violência: a resultante de forças ociosas, de homens inertes e indiferentes, ou melhor, como diz Baudrillard, a força implosiva que assumem a ausência de acontecimentos e o vazio político. É o silêncio da história reprimida que emerge do inconsciente político como violência por não encontrar mais sujeitos que possam operar como fórmulas de compromisso, como ensina Freud na interpretação dos sonhos.

A violência está latente, no vazio de sentido ideológico do mundo sucessivo da tela, como cris-talização mortífera da indiferença. É a violência como simulacro da participação, violência de formas sociais que não encontram mais res-paldo nas formas coercitivas do direito, substituídas pela chantagem da violência e do terror, os acontecimentos políticos transformam-se em acontecimentos terroristas suavizados pelo fascínio da sua conversão em espetáculo melodramático.

Enfim, a pós-modernidade hiper-realiza a violência, simulando a força coercitiva da lei através da sua conversão no terror do espetáculo: o espelho transpolítico e transparente do mal. Ele deve ser detectado, interpretado e atacado

como o monstro atual do racismo. A discriminação dirigida a provocar o holocausto da nossa espécie, o racismo que nos pode condenar ao mesmo futuro dos dinossauros.

V

Estamos terminando um século, esgotado em seus mitos e heróis, vazios de sentido ideológico e com uma história saturada de interpretações.

No meio deste quadro, permanece como ponto crucial, a resolução das metas primitivas do socialismo, a questão da autonomia e da radicalização da democracia, como condição interna de um projeto de regulação socialista da vida. Resta uma confortável esperança de poder aproveitar a falência do dogmatismo comunista para fortalecer a chance de um futuro menos opressivo. Os que aspiram a uma proliferação das lutas pela autonomia e a dignidade do homem, por uma ética libertária, devem estar atentos para impedir a vitória dos artifícios democráticos do ocidente. Porque a reprodução da forma social totalitária seria irreversível se a democracia burguesa atinge o desideratum de seus anseios, assegurando definitivamente o que para Habermas é a chave do seu êxito: a mundialização de seus valores ilusórios e simulados. Assim, entramos num tempo transpolítico, que não seria outra coisa que uma nova atualização supra-histórica da fantasmagoria das virtudes capitalistas.

Pretendo dizer que os socialistas tem que estar alertas para não trocar a rigidez de suas idealizações totalitárias pelo feitiço das formas consumíveis. O homem que aspira a sua autonomia não pode confundir os signos da sua liberdade tentando ser uma mistura de Rambo e Rob Lowe.

Os fracassos de uma quimérica e mistificadora versão do socialismo na metade do continente europeu, não pressupõe dizer que uma transformação socialista da história é definitivamente impossível.

As alegrias e as esperanças que sublevaram Varsóvia, Praga, Bucareste, Berlim e Budapeste, exigem que se decrete a falência de toda uma compreensão do socialismo fundada no predomínio ontológico da classe operária, na afirmação de sujeitos universais e na existência de uma história concebida em singular como

uma totalidade inteligível. - Idéias que, no fundo, caíram no vazio.

A terceira revolução tecnológica poderá vir acompanhada de um socialismo afastado das suas idealizações líricas e dos seus signos simulados. Um socialismo factível que colocaria um ponto final ao equilíbrio do terror, à militarização do espaço, à gravíssima degradação do planeta e a uma imposição de signos sem valores.

Este é o momento em que devem desaparecer as idealizações perfeitas e as idéias simuladas e reencontrar a inspiração criativa de uma sociedade que não aspire mais a encaixar conflitos novos com as velhas categorias ou circular inercialmente entre signos vazios que ocupem o lugar da reflexão.

Rapidamente, fica claro que o socialismo foi paulatinamente configurando os seus próprios espaços transpolíticos. Os homens que viveram sob peso dos chamados socialismos reais terminaram imersos num conglomerado kitsch de esperanças éticas (que também foram intencionalmente difundidas como bandeiras socialistas). Assim, os signos da sua doutrina foram libertando-se de suas idéias originárias dos seus valores, entrando também numa auto-reprodução ao infinito, numa indiferença total a suas próprias finalidades. Os signos da teoria marxista da história começaram a ser utilizados num apelo simulado a seus conteúdos. Isto quer dizer que a história se encarregou também de produzir um trans-marxismo como complemento das trivialidades referenciais da sociedade de consumo. Desta forma, as idealizações perfeitas do marxismo acabaram sendo transformadas em signos opressivos vazios, úteis para continuar a paródia dos seus objetivos originais.

Estamos diante de um mal-estar civilizatório global. O importante para superá-lo é criar um movimento efetivo de uma nova instituição de sujeitos e da cultura que coloque a questão da origem e dos fundamentos da lei, do poder e do saber fora de qualquer simulacro. Uma revolução se faz por uma transformação contida na idéia de autonomia.

Oñati, Espanha, 2 de abril/90.